

CAPÍTULO I

São Paulo, nos dias de hoje. Segunda-feira.

– Acho que você vai se divertir um bocado.

– Hum.

– Está certo que vocês não têm estado juntos ultimamente, mas não foi culpa do Rodolfo. Você sabe muito bem que seu pai viaja o tempo todo. Aliás...

“Aliás esse foi um dos motivos por que vocês se separaram” – Bruno pensou, mas não disse. Enfiou a cara na gaveta da cômoda para disfarçar a irritação.

Dona Suely pigarreou e continuou falando.

–... você não tem mais idade pra ficar guardando mágoas. Seu pai já pediu desculpas por aquele caso do jogo. Ele ia assistir sua estreia no time, mas aconteceu o tal desabamento não sei onde, e ele teve de ir fazer a perícia, deu até na tevê.

– Hum.

– E já que é o último mês dele no Nordeste antes de voltar para São Paulo, seu pai vai ter tempo de sobra pra passear. Foi uma ótima ideia ter convidado você!

“Depois de você buzinar a ideia um ano na orelha dele, tinha de convidar” – foi o pensamento que, mais uma vez, não saiu da gaveta.

Desta vez, dona Suely olhou-o como se tivesse ouvido algo. Bruno disfarçou.

– Cadê minha bermuda xadrez? Em Salvador faz um calor danado. E a gente ainda vai passar uns dias na tal cidadezinha sei lá onde.

– Vai ser ótimo conhecer a Chapada Diamantina, além da Capital. Se der tempo, o Rodolfo disse que vão passar em Ilhéus, Porto Seguro... Não acha que é a ocasião ideal para dois homens se entenderem?

Bruno tirou a cara de dentro da gaveta.

– Hum?

– Eu perguntei o que você acha.

– Eu acho que ela foi roubada.

– Quem? – a mãe parecia atônita.

– Minha bermuda xadrez! Não encontro em lugar nenhum.

– Bruno, você não ouviu uma palavra do que eu disse!

O garoto fechou a gaveta da cômoda e abriu a porta do guarda-roupa.

– Claro que ouvi. Cadê meu celular?



Salvador, Bahia. Terça-feira de manhã.

Rodolfo lançou um olhar aflito ao relógio na parede.

– Vou indo, Bete. O voo do meu filho deve chegar em quarenta minutos.

– Já estou quase acabando, aqui – disse a moça, posicionando alguns ícones da tela de um notebook novinho. – Coloquei um programa novo, criptografado: parece um jogo, mas para se comunicar conosco será sempre melhor conseguir uma conexão e usar este. Celulares não serão tão seguros por lá. Veja como funciona.

Ele sorriu ao testar o software. Simples e seguro.

– E este outro aqui do lado, que também parece um joguinho, o que é?

– Este é um jogo mesmo – ela explicou. – Seu filho vai gostar, tem zumbis, vampiros e essas coisas que adolescentes apreciam... E agora, doutor Rodolfo, a despedida é pra valer.

– Ainda passo aqui na volta de Lençóis – ele assegurou –, para devolver o carro do Lourenço, antes de voarmos para São Paulo.

A mulher suspirou.

– Só acho que o senhor deve tomar muito cuidado. É tudo extraoficial, não vai haver ninguém para dar

apoio lá na Chapada, já que a superintendência do Ibama tirou todos os funcionários da região. Se alguma coisa acontecer...

Rodolfo fechou um arquivo e colocou a chave sobre a mesa da secretária.

– Não vai acontecer nada! Vou como turista. Meu filho vai junto. Vamos só tirar umas fotos, comprar umas lembranças... nada pode ser mais inocente.

– Mesmo assim – insistiu a moça, preocupada –, lembre-se do meu email alternativo. E mande a mensagem de emergência que combinamos, caso alguma coisa não ande bem. Dois fiscais foram baleados nos últimos meses. A polícia diz que não tem pistas, e Brasília finge que nada está acontecendo. Gostaria que mais gente estivesse sabendo do problema.

– Eu, o Lourenço e você já somos uma multidão. E ainda tem o nosso contato na PF. Se houve mesmo corrupção no caso das invasões e se há parlamentares implicados, quanto menos gente souber, nesta etapa, melhor... Agora tenho mesmo de ir. O notebook está pronto?

Bete desligou o pequeno computador e entregou-o ao engenheiro.

– Prontinho, doutor Rodolfo – suspirou ela. – Boa sorte. E dê as boas-vindas ao seu filho. Espero que ele goste da Bahia!

O homem colocou o notebook na mochila e deixou o edifício sentindo-se aliviado. Terminara todas as estatísticas, os pareceres, os relatórios. Estava de férias. O

“trabalho” que faria em Lençóis, a pedido de Lourenço, não podia ser chamado de trabalho. Era apenas...

“Espionagem” – riu-se, ao imaginar o que o filho diria se soubesse.

Tirou o paletó, entrou no carro e seguiu o mais depressa possível para o aeroporto. Não se preocupava com os perigos que Bete temia. O que o preocupava era outra coisa.

– Voo 365, de São Paulo a Salvador sem escalas. Desembarque no portão 2.

As vozes metálicas nos autofalantes de aeroportos sempre irritavam Rodolfo. Dirigiu-se ao portão 2, já sem poder ocultar o nervosismo.

Fazia pelo menos quatro meses que não via o filho, desde que surgira aquele trabalho em Salvador. Não era nada fácil ser pai nos dias de hoje. Pensou em como seus últimos encontros tinham sido difíceis... De que maneira se relacionariam agora?

– Pai!

O garoto de camiseta vermelha ao lado da comissária era Bruno. O pai acenou e correu para encontrá-lo. Tudo ia dar certo! Não estavam em São Paulo. Iam se divertir muito, e o passado não interessava.

Nenhum deles sabia que, juntos, fariam uma inesperada viagem ao passado...



Lençóis, Bahia. Terça-feira de manhã.

A manhã era fresca, mas o velho que caminhava, trôpego, ardia em febre.

Murmurava coisas desconexas, observando a terra de onde tanto sofrimento havia brotado. Passando os olhos pelos morros da Chapada Diamantina, mal conseguia raciocinar. Sabia apenas duas coisas: o próprio nome e que tinha de prosseguir.

– Agenor. Inda me lembro de minha avó me chamando. Agenor, vem ouvir a história dos Lençóis! Eu ia. E ela contava a história... O diamante brotando em cada riacho, e lá no Rio São João. Os garimpero chegando de Minas Gerais e Santa Izabel do Paraguaçu. Num tinha casa pro povo morá, aí começaro a levantá barraca de pano branco. Pra quem chegava e via de longe, aquilo parecia um monte de lençol branco estendido no vento!

A subida começava a ficar mais íngreme. Buscando forças para a escalada, Agenor falava alto, como se não estivesse sozinho naquele morro.

– Foi de tanto lençol branco que veio o nome desta terra; e foi terra boa pra tanta gente, menos pra mim e minha família... A maldição. A maldiçoada. Lençol branco num combina com maldição. Mas eu vô acabá cum ela, num sabe? Ah, se vô!

Ele estava exausto ao atingir o topo do morro. Sentou-se no chão e observou o vale que, verdejante, espalhava-se do outro lado. Aos poucos, um sorriso se estampou naquele rosto crestado.

– Valha-me Nosso Sinhô do Bonfim! É ali. É ali que vô infíá ocê, tinhosa!

Os olhos murchos do velho haviam divisado lá embaixo, perdido no vale, um amontoado de rochas. E podia jurar que havia uma entrada escondida em meio às pedras.

– Vai dá tudo certo. Vô lhe enfiá terra adentro. Ah, se vô!



Salvador, Bahia. Terça-feira, hora do almoço.

Lourenço deixou o olhar vagar de Rodolfo para Bruno, depois de Bruno para Rodolfo. No pequeno apartamento, tudo estava arrumado. O flat no coração da capital baiana servira ao engenheiro por vários meses, e agora sua função de lar temporário terminava. As malas próximas à porta já tinham sido fechadas. O pai, na cozinha exígua, acabava de lavar os pratos depois de uma luxuriante moqueca de camarão. O filho, na varanda, parecia despedir-se da cidade.

– E então, Bruno, o que achou de São Salvador? – a voz de Lourenço sempre saía brincalhona, com o molejo típico de um baiano bem-humorado.

– Legal, tio – foi a lacônica resposta.

Bruno não conseguia tirar os olhos das ruas lá embaixo, a Avenida Sete fervilhando de gente, carros, movimento. Seguia como uma cobra cortando a cidade. A vista era sensacional: se não houvesse tantos edifícios, daria até para se ver o Farol da Barra na extrema esquerda.

– A que horas vocês vão sair? – Lourenço agora se dirigia ao pai, tentando obter uma conversa mais substancial.

O almoço decorrera quase que em silêncio total, apenas entremeado pelos elogios à deliciosa refeição. Se aquelas férias haviam sido planejadas para que pai e filho se entendessem, não pareciam estar surtindo muito efeito; havia bastante constrangimento no ar.

– Em cinco minutos – respondeu Rodolfo, que estivera quase tão calado quanto o filho.

– Então, se não precisam de mim pra mais nada, vou indo – Lourenço começou, levantando o corpo volumoso do sofá; decididamente, começaria um regime no dia seguinte. – Até a volta, Bruno. Você vai gostar de Lençóis, é uma cidade histórica da Chapada Diamantina; quem sabe encontre alguns diamantes e volte rico?

– Tomara, tio – Bruno não estava mesmo a fim de conversa.

Foi só no momento de se despedirem, à porta do apartamento, que Rodolfo deixou escapar o que Lourenço esperava.

– Não se preocupe – cochichou. – O esquema está

de pé: estou preparado para as eventualidades. Mando as fotos digitalizadas pelo programa novo do notebook e, se for preciso, aciono a mensagem de emergência.

– Vou esperar – disse o outro. – Bete é ótima em criptografia. Não dá pra hacker nenhum traçar o caminho até um de nós. E já sabe: caso as coisas se compliquem, não banque o herói. Se sua mensagem chegar, o pessoal do Instituto Chico Mendes tira vocês de lá na urgência.

Rodolfo sorriu com o canto da boca.

– Relaxa, Lourenço. Não sou amador... Deu tudo certo no Pará e no Mato Grosso do Sul, lembra? As fotos foram pro Ibama, e os invasores nunca desconfiaram de mim. Ainda mais agora, que serei só um pai solteiro!

O outro sorriu, já chamando o elevador.

– Tem razão. Mas é que esse pessoal do garimpo pode ser muito perigoso. Pegue leve!

“Vai dar tudo certo”, pensou Rodolfo, fechando a porta e passando o apartamento em revista com um curto olhar.

“Hora de irmos. Quem sabe o astral melhore quando pegarmos a estrada...”

Se tivesse prestado atenção ao rosto do filho, que ainda observava a vista, ou fazia de conta que observava, teria percebido uma súbita mudança. Bruno não parecia mais constrangido, como nos últimos dias; embora os dois amigos falassem baixinho na porta, havia escutado boa parte da conversa. Ficara desconfiadíssimo.

Alguma coisa estava errada com aquela viagem a

Lençóis, e ele imaginava o que podia ser. Tinham falado em criptografia... em invasores! Em que tipo de encrenca seu pai estava metido?

A voz de Rodolfo interrompeu suas conjecturas.

– Muito bem, filho, veja se não esquecemos nada. É bom sairmos já, temos um longo caminho até a Chapada.

– Legal – foi a única palavra dita.

No entanto, o sorriso que a acompanhou mostrou a Rodolfo que o clima mudara. O filho parecia ansioso para viajar, satisfeito com algo.

“Vamos nos dar bem, afinal”, pensou, aliviado.

Mas foi só um bom tempo depois, quando o carro já percorria a estrada na direção de Feira de Santana, onde parariam um pouco antes de seguir rumo à Chapada, que Bruno engatou uma conversa de verdade.

E, apanhado de surpresa, o pai não soube se devia comemorar ou lamentar o fato.

Bruno se voltou para ele e disse, diretamente:

– Pai, quero saber a verdade. O que é que você vai fazer em Lençóis?